

MODERNISMO TARDIO EM CHAPECÓ: ARTES VISUAIS ENTRE AS DÉCADAS DE 70 E 90

LATE MODERNISM IN CHAPECÓ: VISUAL ARTS BETWEEN THE 70'S AND 90'S

Ricardo de Pellegrin (Nome artístico Ricardo Garlet) – Orientador da pesquisa
Mestre em Artes Visuais/Unochapecó e SECUL-Prefeitura Municipal de Chapecó
pellegrin@unochapeco.edu.br

Cledir Girotto
Graduado em História/MHAC-SECUL-Prefeitura Municipal de Chapecó
cledirxx@unochapeco.edu.br

RESUMO

O Modernismo nas Artes Visuais, período compreendido entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, consistiu-se de um conjunto de vanguardas, inicialmente ocorridas na Europa e tardiamente na América Latina, as quais possuíam como uma das motivações a desconstrução dos pressupostos de representação herdados do Renascimento. Nesse sentido, o presente ensaio traz uma abordagem histórica sobre a produção artística da cidade de Chapecó/SC, ocorrida entre as décadas de 1970 e 1990, a qual resultou na realização de uma exposição homônima no Museu de História e Arte de Chapecó, entre 2016 e 2017, com curadoria do autor. A seleção de artistas e obras foi limitada ao acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó, onde procuramos destacar produções que reverberassem aspectos estilísticos do Modernismo, propondo uma abordagem ancorada na ideia de Modernismo Tardio. Esses artistas exploravam diferentes linguagens, tais como a gravura, a pintura e a escultura, as quais misturavam referências de diferentes tendências formalistas da modernidade europeia. Tal recorte não pretende esgotar o tema, tampouco abranger a totalidade de artistas que atuaram naquele período no município de Chapecó. Seu objetivo é apenas documentar essa produção, trazendo a lume obras que contemplam a diversidade estilística identificada, propondo, assim, uma análise fundada no conceito de Modernismo Tardio a partir da contextualização do Modernismo na Europa e no Brasil, com a semana de Arte Moderna de 1922.

Palavras-chave: Modernismo tardio. História. Chapecó. Artes Visuais.

ABSTRACT

In visual arts, Modernism covers the period established between the late 19th and the early 20th century. It was carried through a set of movements, which took place primarily in Europe and later on in Latin America, whose main focus sought to break down the forms of representation inherited from the Renaissance. In this sense, the present research brings about a historical approach concerning the artistic production carried out in the city of Chapecó/SC, from the 70's to the 90's, which was translated into an exhibition at the Museum of History and Arts of Chapecó, between the years of 2016 and 2017, and curated by the author. The assessment and selection of all artists and works have been narrowed down to Chapecó's City hall art collection, where one attempted to highlight artistic productions that disclose aesthetic aspects to that of Modernism. In light of this, we set out to develop a study based on the idea of Late Modernism. The findings show that the selected artists explored different languages, such as illustration, painting, and sculpture. Besides, they merged together references from different formalist movement from the European modernity. Such a research does not intend to finish off the theme, nor chart the amount of artists who work within that period in the city of Chapecó. The objective of this study is only to point out those productions, so as to offer an opportunity to gain insight into artistic works which reflect on the stylistic diversity that have been identified in those productions. Consequently, we propose, here, an analysis based upon the concept of Late Modernism assembled from the context of not only the European, but also the Brazilian Modernism, which arose out of Modern Art Week in 1922.

Keywords: Late Modernism. History. Chapecó. Visual Arts.

Introdução

Este ensaio traz algumas considerações sobre o panorama histórico da produção em Artes Visuais ocorrida entre as décadas de 1970 e 1990 no município de Chapecó/SC. Como ponto de partida, realizamos, primeiramente, a pesquisa, a concepção e, por fim, a realização da exposição intitulada “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90” (Figura 1), idealizada para o Museu de História e Arte de Chapecó (MHAC), posteriormente itinerada, contando com a curadoria de Ricardo de Pellegrin (nome artístico Ricardo Garlet). Em suma, trata-se de uma investigação nos campos da História, da Arte e da Crítica. Exploramos o repertório de obras produzidas por artistas locais, propondo, dessa forma, uma leitura contextualizada e aproximá-los dos debates em torno do conceito hegemônico do modernismo.



Figura 1: Registro de mediação realizada na exposição Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 a 90, no Museu de História e Arte de Chapecó (2017). Fonte: Autoral (Ricardo Garlet).

O norte da investigação foi perceber, através das obras do acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó, as potências críticas e as possíveis implicações da história da região oeste catarinense na trajetória dos artistas visuais que aturam em Chapecó. Propomos uma leitura significativa para o fenômeno da instauração de um cenário artístico a partir de 1970, onde pode ser percebida a promoção de condutas sociais que incluíam a valorização as artes visuais como símbolo de *status*. Após resgataremos o histórico da arte local, mapeamos não apenas a biografia dos artistas selecionados, como também o contexto histórico e as obras

visuais. Dessa forma, tecemos um rizoma de informações que serviram como fonte de dados para a pesquisa.

O texto foi dividido em quatro subtítulos. No primeiro, apresentamos o projeto da exposição e o Museu de História e Arte de Chapecó, bem como a itinerância realizada na Galeria Municipal de Arte Dalme Marie Grando Rauen. Em seguida, no segundo subtítulo, apontamos algumas notas sobre o conceito de modernismo, aproximando o termo ao contexto Europeu e Brasileiro. Já no terceiro, trazemos um histórico do cenário do município de Chapecó, que pretendemos empregar como argumento de sustentação para o surgimento de um pensamento de modernidade no período da década de 70. Por fim, no quarto subtítulo, os artistas e obras que compuseram a exposição e fundamentaram, como indício visual e histórico o presente estudo, são apresentados.

A exposição como campo

Iniciamos o presente ensaio definindo o território que proporcionou a experiência de imersão no processo curatorial de pesquisa e criação para a concepção de um projeto de exposição com uma abordagem histórica que valorizasse as obras de artistas do oeste catarinense. Tentamos explorar essa possibilidade criando uma narrativa que inserisse a obra desses artistas na produção do cenário internacional, propondo, assim, uma discussão que gerasse um atrito que desgastasse os estigmas e, de certa forma, polisse e escrevesse a história por outros olhares.

Deste modo, a exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90” foi concebida para ocupar uma das salas do Museu de História e Arte de Chapecó (MHAC) (Figura 2), espaço que integra a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Chapecó, na cidade de Chapecó/SC. Parte da equipe técnica foi composta por Ricardo de Pellegrin, responsável pelo Setor de Artes Visuais, curador da exposição e autor; e Cledir Giroto, técnico em Museu, coautor dessa publicação. A inauguração da exposição ocorreu no dia dois de dezembro de 2016, na reabertura do MHAC, e fez parte da programação oficial do município daquele ano.



Figura 2: Edifício sede do Museu de História e Arte de Chapecó (janeiro/2017).
Fonte: Autoral (Ricardo Garlet).

O MHAC foi criado pela Lei 5.661 de 13 de novembro de 2009. Está sediado no edifício histórico, inaugurado em 1950, para abrigar a Prefeitura Municipal, sendo patrimônio Municipal, tombado pelo Decreto nº 17.594 de 27 de novembro de 2007. O prédio, desviado de sua função inicial, acolheu, ao longo dos anos, diversos órgãos públicos, recebendo, a partir de 2009, o acervo do MHAC e do Museu Antonio Selistre de Campos¹. Após um período de funcionamento, o espaço foi fechado por problemas na edificação, reabrindo, em dezembro de 2016, após sua reforma.

O projeto expográfico da exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90” foi projetado para uma sala localizada no andar térreo do prédio do MHAC. Espaço de 340 x 760 cm, no qual foram distribuídos módulos expositores de 209 X 120 x 26 cm, na cor branca, para acondicionar os trabalhos bidimensionais. Além das obras afixas nestes módulos expositores, também foram usados bases, na cor branca, para as peças escultóricas que compõem o conjunto exposto. O piso da sala, original da construção, é em madeira, em cor clara, e a iluminação atualizada em LED direcionável.

Nove obras de artes visuais compuseram o conjunto de trabalhos selecionados para a exposição. Entre eles, dois desenhos com aquarela, uma serigrafia, uma gravura em metal, uma assemblagem bidimensional, uma pintura a óleo e três esculturas em metal. Além dos trabalhos artísticos, tem-se um texto, de autoria do curador, reproduzido em vinil adesivo transparente, afixado em um dos módulos do espaço. Segue a íntegra do texto:

¹ O Museu Antonio Selistre de Campos está situado no mesmo prédio sede do MHAC. Foi criado pela Lei 198 de 19 de abril de 1978. Guarda acervos arqueológicos e etnológicos, inicialmente reunidos pelo juiz Antonio Selistre de Campos, durante as décadas de 1930 e 1940, e doados para a Prefeitura Municipal de Chapecó em 1974.

A exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes Visuais entre as décadas de 70 e 90” apresenta um conjunto de obras produzidas no final do século XX por artistas que residiram na cidade de Chapecó e colaboraram para compor o emergente cenário artístico do Oeste Catarinense. A seleção de trabalhos e obras provenientes do acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó destacou produções que reverberassem aspectos estilísticos do Modernismo, propondo uma abordagem curatorial ancorada no conceito de Modernismo tardio. O Modernismo nas Artes Visuais, período compreendido entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, consistiu-se no desenvolvimento de um conjunto de vanguardas artísticas e culturais inicialmente ocorridas na Europa e tardiamente na América Latina, as quais possuíam como ideal a desconstrução dos pressupostos tradicionais de representação. Nesse sentido, o termo Modernismo pode ser entendido como sinônimo de inovação, transformação e ousadia que evidenciava a oposição ao antigo. Movimentos como o Cubismo, o Expressionismo, o Fauvismo e o Surrealismo, apoiados em seus respectivos manifestos, são exemplos de vanguardas apoiadas na busca por novas formas de expressão. No Brasil, o Modernismo chegou por meio de artistas que, ao viajarem para a Europa, entravam em contato com as vanguardas artísticas e traziam para o território nacional os discursos visuais formalistas da modernidade. O ápice do Modernismo no Brasil deu-se na Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida no Teatro Municipal de São Paulo. Artistas como Anita Malfatti (1889-1964), Lasar Segall (1891-1957), Tarsila do Amaral (1886-1973) e Victor Brecheret (1894-1973) destacam-se como representantes das artes visuais nos primeiros anos de Modernismo no Brasil, cujas obras, ao invés de tratar prioritariamente de questões intrínsecas às linguagens, como ocorreu no Modernismo Europeu, operavam também com questões extrínsecas ao emitir valores de nacionalidade. Em Chapecó, o cenário das Artes Visuais surgiu em decorrência da demanda das elites econômicas, políticas e intelectuais, tendo sua gênese em meados da década de 70. Nesse contexto, ocorreram diferentes iniciativas para a promoção das Artes, entre elas a criação do grupo CHAP, organização que abriu caminho para os avanços das décadas seguintes. Esses artistas exploravam diferentes linguagens, tais como a gravura, a pintura e a escultura, as quais misturavam referências de diferentes tendências formalistas da modernidade. Instaurada com obras advindas desse período, a presente exposição é composta por pinturas, gravuras e esculturas que contam com a produção dos artistas visuais Agostinho Duarte (1928-2004), Cláudia Sander Bertaso (1969-), Dalme Marie Grandó Rauen (1949-1996), Elisa Iop (1965-), Mariel Moro (1973-) e Paulo de Siqueira (1949-1996). Tal recorte curatorial não pretendeu esgotar o tema, tampouco abranger a totalidade de artistas que atuaram naquele período no município de Chapecó. Seu objetivo foi apenas propor uma abordagem dessa produção, trazendo a lume obras que contemplassem a diversidade estilística percebida. Deste modo, a exposição explora o conceito de Modernismo tardio, o qual pode ser compreendido na relação da produção plástica com outros momentos da história da Arte, como no contexto europeu e brasileiro, ponderando a representatividade de tais obras e inserindo as produções realizadas no município de Chapecó nas discussões hegemônicas da tradição das Artes Visuais. (Autorial, 2016)

A exposição permaneceu no Museu de História e Arte de Chapecó até 30 de junho de 2017. Recebeu visitas espontâneas e atendimentos agendados, contabilizando 5.657 visitantes no livro de presenças. No presente ano, por iniciativa da Secretaria de Cultura de Chapecó, ainda ocorre uma itinerância da exposição com a remontagem do projeto na Galeria

Municipal de Arte Dalme Marie Grando Rauen², cuja abertura foi no dia 9 de janeiro de 2018, permanecendo para visitação até 25 de março de 2018 (Figura 3). Mantendo o mesmo conjunto de obras no novo espaço, mas com distribuição adequada às especificidades da Galeria, buscamos uma concepção expográfica que valorizasse as diferentes linguagens, bem como ocupasse, harmoniosamente, a galeria. Não prevista inicialmente, a realização da itinerância da exposição contribuiu para a difusão dos artistas e obras que integraram a mostra. Nesse prisma, uma maior visibilidade ao acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó foi dada, reafirmando, assim, a necessidade de constantemente revisitar a história local na tentativa de compreender o contexto próximo em ressonância com o panorama global e histórico.

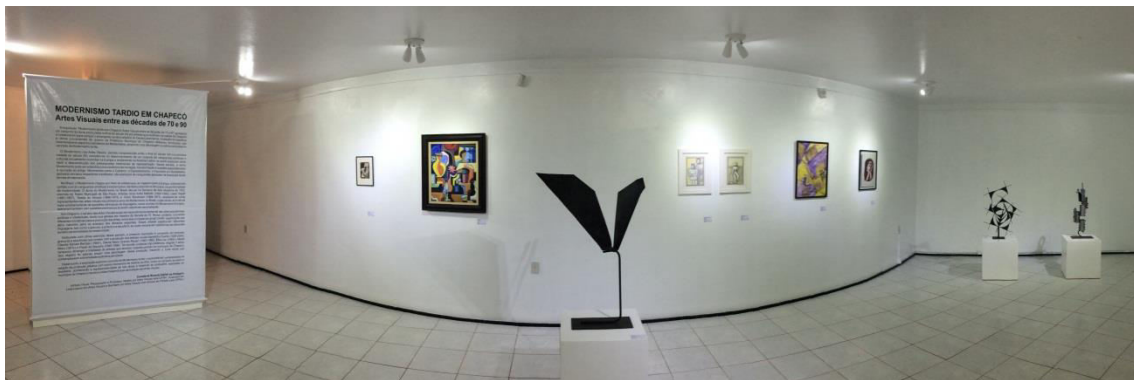


Figura 3: Vista panorâmica da exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90”, montagem na Galeria Municipal de Arte Dalme Marie Grando Rauen (2018). Fonte: Autoral (Ricardo Garlet).

No recorte conceitual do projeto curatorial da exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90”, buscamos estabelecer uma leitura para a produção local em consonância com a história da arte ocidental, tecendo conexões entre as produções entendidas como modernistas, a fim de permitir uma compreensão mais crítica e menos romântica da produção local.

Notas sobre o modernismo nas Artes Visuais

Os debates em torno do conceito genérico de modernismo ecoam em múltiplas direções. Todavia, a intenção de estabelecer uma única definição pode incorrer na limitação do tema, extinguindo, dessa forma, a sua polifonia. Conscientes dessa dificuldade, sem a

² A Galeria Municipal de Arte Dalme Marie Grando Rauen foi inaugurada em 21 de agosto de 2002. Está sediada na Praça Coronel Bertaso, centro de Chapecó.

pretensão de exaurirmos o tema, propomo-nos a elencar algumas notas que direcionam a compreensão do modernismo no campo das artes visuais, a fim de iluminar a diretriz que permite pensar a produção artística de Chapecó, como uma tendência modernista, em virtude não só das suas qualidades estéticas, como também nas suas especificidades. Para tanto, partiremos da abordagem do historiador Giulio Carlo Argan (1992) e de Briony Fer (1998), para o contexto europeu, bem como do estudo realizado por Dawn Ades (1997) sobre a Arte na América Latina.

O teórico Giulio Carlo Argan, no livro de história da arte intitulado *Arte moderna*, pontua que: “sob o termo genérico *Modernismo* resumem-se as correntes artísticas que, na última década do século XIX e na primeira metade do século XX, propõem-se a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico-tecnológico, da civilização industrial” (ARGAN, 1992, p.185). Através do exposto, percebemos que o avanço, verificado na crença no progresso, marca as mobilizações da arte no território europeu na virada para o século XX. Dessa forma, o conceito de progresso estaria estritamente ligado à organização social das cidades, esta marcada pelo desenvolvimento da indústria, assim como da vida social urbana que começava a se constituir. Neste cenário de constantes mudanças, consoante o pesquisador:

Por volta de 1910, quando ao entusiasmo pelo progresso industrial sucede-se a consciência da transformação em curso nas próprias estruturas da vida e da atividade social, formar-se-ão no interior do Modernismo as vanguardas artísticas preocupadas não mais apenas em modernizar ou atualizar, e sim em revolucionar radicalmente as modalidades e finalidades da arte. (ARGAN, 1992, p.185).

As investidas dos artistas modernos, como colocado por Argan, não pretendia apenas romper com as diretrizes de representação pela arte, mas repensar os usos e finalidades da produção artística. Buscava-se, assim, uma maior aproximação com o público. Nesse sentido, em consonância com as ideias de Argan, o pesquisador Briony Fer (1998) coloca que:

É claro que nem todas as pinturas modernas retratam temas modernos ou contemporâneos, mas a relação entre o tema e a técnica, ou meio de representação, foi uma preocupação persistente dos artistas do final do século XIX e do início do século XX. Poderíamos colocar essa questão de um modo ligeiramente diferente e sugerir que havia uma coexistência difícil, ou uma tensão, entre as metas da pintura moderna e as da modernidade, se entendermos “modernidade” como as formas mutáveis presentes na vida social moderna da metrópole.” (FER, 1998, p.10)

Todo esse cenário europeu acabou inevitavelmente repercutindo na América Latina. O historiador Dawn Ades (1997) estabelece um marco temporal para a chegada das influências modernistas nos países latinos. Segundo ele: “As transformações radicais por que passaram as

artes visuais na Europa [...] - fovismo, expressionismo, cubismo, dadaísmo, purismo, construtivismo-, entraram na América Latina como parte de uma “vigorosa corrente de renovação”, começada nos anos 1920”. (ADES, 1997, p.125).

Com ocorrências em diferentes lugares, a arte modernista latino-americana ocorreu de modo diferenciado dos países europeus. O contexto de produção, que antecedeu a estética moderna latina, não indica um caminho de pesquisa e desconstrução, como a do território europeu. Nessa perspectiva, desvela-se, no espaço latino-americano, um repertório importado, porém adaptado. Nesse sentido, Ades postula que:

A ruptura no caso dos latino-americanos foi bem maior do a que se deu – digamos assim – com os cubistas propriamente ditos, pois por mais radical que fosse o cubismo nas mãos de Picasso e Braque, a relação desta escola com outras anteriores – sobretudo no caso de Cézanne – podia facilmente ser percebida. Essa tradição vanguardista, derivada de Manet e Cézanne, não teve paralelo na América Latina. (ADES, 1997, p.126)

Fica evidente, no trecho destacado de Ades, que a passagem para a modernidade ocorreu de forma brusca com a chegada das influências europeias, devido aos interesses locais. Consequentemente, a partir de 1920, tais fatores acabaram sendo transformados à uma tendência moderna na arte. No contexto brasileiro, a situação não foi diferente. O marco da arte moderna, no Brasil, foi a Semana de Arte Moderna de 1922. Contudo, as manifestações começaram com uma exposição de Anita Malfatti.

Os “modernistas” brasileiros formavam um grupo específico cuja primeira manifestação pública foi a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, da qual constaram exposições, recitais de poesia, concertos e conferências. [...] Na verdade, as primeiras manifestações do modernismo brasileiro foram anteriores a uma exposição de quadros de Anita Malfatti, em 1917, que haviam provocado reações por parte da crítica e do público. (ADES, 1997, p.132).

Na exposição citada por Ades, Anita Malfatti apresentou entre as pinturas o quadro O homem amarelo, primeira versão, de 1915-1916, trabalho produzido a partir da sua visita à Europa e o contato com artistas modernos. “A obra de Malfatti era, de fato, modernista em sentido muito genérico e eclético; ela combinava a distorção angular das figuras fazendo uso de cores complementares a uma maneira mais livre do que fovista” (ADES, 1997, p.132).

Diante do exposto, percebemos, através desses fragmentos da história da arte modernista no ocidente, duas constatações. Se, por um lado, as influências europeias são inegáveis para a produção artística latino-americana; por outro, o repertório imagético tropical desvirtuou o modernismo europeu com cores e temas específicos, gerando, dessa forma, uma verdadeira identidade latina. Interessante salientarmos que, no Brasil, o modernismo ocorreu

de modo diversificado em variadas regiões. Assim sendo, essa informação se presta como suporte histórico para pensarmos as produções realizadas por artistas em Chapecó, os quais atuaram entre as décadas de 70 e 90 no município, possibilitando-nos uma leitura a partir da aplicação da hipótese da existência de um Modernismo tardio.

Modernidade, urbanização e progresso em Chapecó

A modernidade, além de suas conjecturas no campo das artes visuais, pode ser compreendida como uma possibilidade de apreensão da realidade a partir do conhecimento científico. Nesse sentido, acreditava-se que, com o avanço científico, advindo das novas descobertas, seria possível melhorar constantemente a realidade, situação que originou a crença no progresso. O progresso, de acordo com Silva & Hass (2017, p.343), seria uma “visão de “melhoramento” e “avanço” da sociedade em direção a um futuro considerado melhor que o presente.

É nessa perspectiva que os discursos oficiais, que narram a história de Chapecó, foram construídos, constituindo legado fundado no progresso. Símbolo maior deste prisma é o principal monumento da cidade, intitulado “O Desbravador”. A escultura, construída em sucata de ferro pelo artista plástico Paulo de Siqueira, inaugurada em 1986, intenta homenagear os colonizadores euro-descendentes originários do Rio Grande do Sul, que aqui se fixaram a partir dos anos 1930. Ao colocar essas populações como as primeiras desbravadoras, essa narrativa apagou a história das populações que anteriormente habitavam o espaço. Por conseguinte, as populações colonizadoras foram colocadas como emissárias do progresso e dignas de serem homenageadas.

Em um momento anterior à chegada dos colonizadores, a região era marcada pela ausência do Estado e por uma imagem de abandono, de improdutividade e de vazio demográfico. Chapecó está situada na região oeste catarinense, cujo espaço teve nas populações Kaingang, Guaranis e caboclas seus primeiros povoadores. Tais comunidades viviam baseadas em seus estilos de vida tradicionais, alheias à racionalização e acumulação capitalista, condutas posteriormente introduzidas pelos colonizadores.

O território, onde está localizado o município de Chapecó, teve sua jurisdição indefinida entre o Brasil e a Argentina até 1895, quando o Brasil acabou definindo a sua posse. A partir de então, os estados do Paraná e de Santa Catarina disputaram, nos tribunais, a competência perante tal região, na época conhecida por “contestada”, compreendida pelos

atuais oeste, planalto catarinense e sudoeste paranaense. Nesse intervalo de tempo, o capitalismo chegava à região contestada através da construção de uma ferrovia que ligava o Paraná ao Rio Grande do Sul, e demais negócios ligados ao empreendimento, como a madeira e a venda de terras. As consequências advindas desses empreendimentos, como a expropriação de terras, em conjunto com elementos históricos locais, tal qual o coronelismo, provocaram uma reação da população cabocla local, organizada em torno de líderes religiosos que desencadeou, entre os anos de 1912 e 1916, a Guerra do Contestado. Nesse conflito, o exército brasileiro foi responsável pela dizimação da maior parte da população cabocla local.

Findada a Guerra, tem fim também o conflito pelo território entre os estados litigantes. Santa Catarina, com parte do espaço que lhe coube, cria o município de Chapecó em agosto de 1917. O conflito do Contestado trouxe uma desconfiança do poder público frente à população local, tida, até então, como incapaz de trazer o desenvolvimento da região. Desse modo, imprimiu-se à região, até a chegada dos colonizadores, a imagem de uma terra sem lei e de um vazio demográfico.

Em seguida, o estado catarinense vendeu então essas terras a empresários, os quais ficaram encarregados de trazer uma nova população capaz de implantar um novo estilo de produção. No território que hoje compreende Chapecó³, o empresário gaúcho Ernesto Francisco Bertaso adquiriu as terras do estado e revendeu, majoritariamente, para descendentes de italianos vindos do Rio Grande do Sul, que começaram a chegar a partir dos anos 1930. Assim sendo, data desse período a primeira tentativa de pensar Chapecó a partir de um olhar moderno. A empresa colonizadora foi responsável por elaborar o primeiro traçado urbano da cidade produzido em 1931. Segundo Petrolí (2005), “a elaboração de um projeto de cidade para Chapecó caracteriza-se pelas preocupações modernas, pelo desejo de modernidade urbana”. A elite daquele período, através do jornal da cidade intitulado “A Voz de Chapecó”, produziu uma série de discursos que visavam justamente modernizar a cidade, por meio do trabalho dos imigrantes e da cobrança de investimentos pelo estado na região, cuja elite ainda era considerada esquecida pelo estado.

Portanto, a modernidade poderia ser construída no presente, mediante o empenho (trabalho) dos imigrantes colonizadores, além das ações (investimentos) do poder público (Estado Novo). E o progresso (futuro de Chapeco) seria fruto do trabalho (de rompimento com o passado) realizado no presente (PETROLI, 2008, p.123).

³ O território original de Chapecó compreendia, originalmente, mais de 14000 Km². Conhecido como “Velho Chapecó”, a partir dos anos 1950, a cidade passou por uma série de emancipações, resultando nos seus atuais 626 Km².

O sucesso do processo colonizador foi abalado pelo linchamento de 4 presos em outubro de 1950, os quais foram acusados de incendiar a igreja local. O acontecimento teve repercussão nacional e trouxe novamente a fama de terra sem lei à cidade. O fato também provocou também impactos econômicos negativos à cidade, tais como a paralisação da venda de terras pelo colonizador, por exemplo.

De acordo com Claiton & Hass (2017), esse linchamento foi um *turning point* para a história da cidade, já que unificou a elite local em torno de um discurso de progresso, através da cobrança por maiores investimentos estatais, bem como provocou uma mudança na matriz econômica da cidade.

...um evento fundamental para a reorganização política, econômica e social. Sem este evento, possivelmente o projeto colonizador teria encontrado grandes dificuldades de construção hegemônica. O ideal de progresso serviu justamente como instrumento de coesão ideológica às elites locais diante das dificuldades impostas ao projeto colonizador pela constante expressão da violência nos sertões catarinenses (SILVA & HASS, 2017, p.354).

A produção econômica de Chapecó, até os anos 1950, era centrada na extração e exportação de madeira, a qual era transportada via balsas⁴ pelo Rio Uruguai até São Borja na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina. Nesse período, a indústria madeireira começava a entrar em declínio e a dar lugar as agroindústrias. As agroindústrias surgiram na região oeste a partir do excedente da criação de suínos e, em Chapecó, a fundação da agroindústria está, consoante Silva & Hass (2017), diretamente ligada ao evento do linchamento:

Com o incêndio da igreja e o posterior linchamento de quatro “forasteiros” em 1950, o projeto colonizador foi colocado em questão. Com isto, somado ao declínio econômico da indústria madeireira e do poder político das companhias colonizadoras, coube aos diferentes setores que surgiram deste processo propor uma solução econômica para a continuidade da colonização. Buscando uma aproximação com o governo do estado para vencer o “isolamento”, o modelo agroindustrial foi escolhido pelas elites locais (SILVA & HASS, 2017, p.369).

O investimento na agroindústria surgiu, assim, como mecanismo de atração de novos investimentos para Chapecó, até então com a má fama projetada a partir do linchamento. Nos anos posteriores, a elite chapecoense conseguiu atrair investimentos estatais para a região e a agroindústria passou a ser o carro chefe da economia local, provocando uma acelerada urbanização da cidade e transformando Chapecó na atual “capital nacional da agroindústria”.

⁴ As balsas eram meios de transporte flutuantes construídas com a própria madeira que seria posteriormente comercializada.

Nos anos de 1943 a 1946, a região oeste e o sudoeste do Paraná foram transformados no Território Federal do Iguaçu, ente da Federação criado durante o Governo Vargas e inserido na ação política conhecida como “Marcha para o Oeste”. Tal ação visava dotar as fronteiras brasileiras de infraestrutura, efetivando, assim, a posse do território nacional, dentro do discurso nacionalista que Vargas propagava. Extinto o Território do Iguaçu, em 1946, o oeste volta a integrar o estado catarinense, porém a alegação de abandono da região continuou sendo repetida pela elite. Assim, inicia, no Oeste, uma campanha pela criação do estado do Iguaçu, sob a alegação de abandono da região pelo estado de Santa Catarina. Importante salientar que essa situação só seria resolvida com a criação de um novo território político na região. Para atender às demandas locais e dar um fim na campanha separatista do Oeste, o governador Celso Ramos criou, em 1963, a Secretaria de Negócios do Oeste. Instalada em Chapecó e responsável por atender os 31 municípios da região, foi um órgão descentralizado do governo estadual e responsável por equipar os municípios com infraestrutura urbana e de serviços. Logo, a criação desse serviço contribuiu para que Chapecó ganhasse destaque na região e se tornasse referência em serviços e infraestrutura.

Nos anos de 1968 a 1973, o Brasil viveu o chamado “milagre econômico”, no qual cresceu em uma média anual de dois dígitos. Essa situação econômica refletiu-se nos estados e municípios. Em Chapecó, esses reflexos foram sentidos mais no decorrer da década de 1970. Esse progresso pode ser acompanhado na arrecadação da Prefeitura Municipal, que, em 1972, era de 4.644 mil cruzeiros, em 1981, passou a ser de 1.150. 000 milhões de cruzeiros.

Com esse crescimento econômico brasileiro, os governos, nas diferentes esferas, passam a buscar a ordenação desse crescimento através de uma série de Planos de Desenvolvimento (PND). Na esfera estadual, em 1971, Colombo Machado Salles lançou o Plano Catarinense de Desenvolvimento. Levando em conta que Santa Catarina era composta por pequenos municípios, o objetivo do Plano era eleger centros regionais já relativamente urbanizados, os quais pudessem irradiar o desenvolvimento para os municípios menores. Chapecó foi eleita como uma destas cidades polo, sediando a AMOSC (Associação dos Municípios do Oeste Catarinense) uma das 12 microrregiões na qual Santa Catarina foi dividida. Essa lógica também foi seguida a nível nacional. Em 1975, os militares lançam o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), que, dentre as medidas, visava a conter os problemas das grandes cidades via investimento em cidades médias.

Esta estratégia consistia em investir nas cidades médias com possibilidade de serem “polos irradiadores” de desenvolvimento regional e, explicitamente para os estados do Sul, propunha “a ordenação do processo de desenvolvimento do sistema urbano da região sul, mediante a expansão ordenada das metrópoles regionais e o fortalecimento dos núcleos urbanos de médio porte. (RIZZO, 1993, p.123)

Essas iniciativas dotaram Chapecó de uma ampla infraestrutura de bens e serviços, atraindo, dessa forma, investimentos econômicos e mão de obra qualificada. Nesse período em Chapecó, a propaganda oficial passou a ressaltar a cidade: tal como “Capital do Oeste Catarinense” e “Pólo Polarizador de Pólos”. Na figura 4, por exemplo, temos a reprodução da capa de uma publicação da Prefeitura Municipal de Chapecó, onde a ilustração traz o desenho do mapa do Brasil com linhas que convergem para a localização da cidade, esta rodeada por fotografias de símbolos locais, como a produção aviária e suína. Assim, comunica-se visualmente a ideia de relevância nacional almejada pela administração pública.



Figura 4: Documento (1982).

Fonte: Acervo Museu de História e Arte de Chapecó/Prefeitura Municipal de Chapecó.

Em 1973, Altair Wagner, que havia sido engenheiro civil na Secretaria do Oeste, assumiu o governo municipal. O perfil tecnocrático de Wagner acompanhava os anseios dos militares brasileiros, que buscavam perfis que não estivessem envolvidos nas disputas oligárquicas locais. Durante sua gestão, no ano de 1974, foi aprovado o Plano de Desenvolvimento Urbano de Chapecó, elaborado pela empresa Urbasul Equipe de Urbanismo Ltda. O Plano tinha foco no Planejamento Urbano e no desenvolvimento econômico, sendo que apenas 4 páginas, de um documento com quase 400 laudas, foram destinadas ao setor

cultural. As demandas da cultura, descritas no item “Recreação, Cultura e Esportes”, salientavam a necessidade de construção de equipamentos culturais para a população.

A fim de atender as metas traçadas no Plano, durante a gestão Wagner foram instituídos os primeiros equipamentos culturais da cidade, como o Museu Municipal de Chapecó e o Conselho Municipal de Cultura. Em 1976, é fundada a primeira instituição voltada para o ensino das artes na cidade, a Escola de Artes de Chapecó, oficializada por lei em 1979. Tais ações visavam a um avanço que pretendia, depois de superar o afastamento econômico, vencer o “isolamento cultural” de Chapecó.

Embora tenha sido ainda na década de 1970, através do Projeto Chapecoense de Desenvolvimento, que o processo de planejamento urbano foi pensado, foi na administração seguinte, do prefeito Milton Sander (1977-1983), que a cidade colheu os resultados do desenvolvimento econômico. Foi lançado, na gestão Sander, o Projeto CURA (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada), que visava a solucionar os problemas da acelerada urbanização. A administração Sander realizou uma reforma administrativa e reorganizou a CODEC (Companhia de desenvolvimento de Chapecó) e, subordinada a ela, criou o POP (Plano Ordinário de Pavimentação) com o slogan: “*Agora Chapecó vai pisar em cima do Progresso*”, a qual foi responsável por asfaltar as principais vias da cidade (VITÓRIA, 2011).

Dentre as ações desenvolvidas durante a gestão de Milton Sander, esteve o apoio a artistas locais e de outras localidades que vieram aqui residir, através de uma espécie de “mecenato público”, no qual a prefeitura ou contratava esses profissionais para seu quadro funcional, ou realizava ações de apoio diretas, que nem o Primeiro Salão de Artes Plásticas de Santa Catarina, ocorrido em agosto de 1982 e realizado na sede da Secretaria de Negócios do Oeste. No convite do evento, na mensagem do prefeito Milton Sander intitulada: “Cultura em ritmo de Chapecó grande”, ele convidava os artistas locais a darem sua contribuição para o progresso da cidade: “O grande crescimento econômico de nossa cidade e de todo o Oeste Catarinense esta a exigir que os homens de idéias, da cultura e das artes dêem a sua participação ativa e efetiva”

É sob nesse cenário de discursos de progresso e de desenvolvimento econômico que tem início a produção artística de Chapecó. A maior parte dos artistas ou eram filhos da elite local, que puderam ir estudar em outras cidades, ou eram artistas de fora, atraídos pelas oportunidades profissionais que a cidade trouxe ao longo desse período. A produção artística era consumida e patrocinada pela elite local, exemplo disso eram as “patronesses”, mulheres

da comunidade que patrocinavam os eventos nos quais a produção destes artistas era apresentada.

O isolamento geográfico da região acabava refletindo na baixa qualificação dos profissionais na área das artes que atuavam em Chapecó. Transformando esse cenário, em 1996, é fundado o primeiro curso superior de Educação Artística de Chapecó na UNOESC (atual Unochapecó).

Diante do exposto, é perceptível que a cena artística chapecoense não nasceu espontaneamente. Ela é o produto de uma construção ligada aos projetos de progresso e modernização da cidade, na qual a arte viria a tirar a cidade do “abandono cultural”, inserindo, então, Chapecó na vida cultural catarinense. Nessa perspectiva, é sob esse cenário que os artistas passaram a se organizar a fim de promover as artes visuais.

Artistas e obras

A instauração do circuito artístico emergente em Chapecó, a partir da década de 70, conforme exposto anteriormente, teve significativas repercussões nas décadas seguintes, construindo a identidade cultural que percebemos na atualidade. Para a exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90” foram selecionadas uma coletânea de artistas e obras que integram o acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó. Dentre as produções, procuramos destacar aquelas com técnicas e aspectos estilísticos diferenciados, propondo uma abordagem que possibilitasse uma leitura a partir do conceito de Modernismo tardio. Os artistas selecionados exploravam linguagens, tais como a gravura, a pintura e a escultura, nas quais misturavam referências de diferentes tendências formalistas da modernidade europeia. Os artistas que integraram a exposição, em ordem alfabética, foram: Agostinho Duarte (1928-2004); Cláudia Sander Bertaso (1969-); Dalme Marie Grandó Rauen (1949-1996); Elisa Iop (1965-); Mariel Moro (1973-); e Paulo de Siqueira (1949-1996).

O artista visual Agostinho Duarte nasceu na cidade de Goulinho/Portugal, em 1928, tornando-se reconhecido por obras pictóricas que aglutinam as experiências culturais de viagens com a influência do cubismo, produzindo pinturas marcadas pela cor e diversidade cultural. Erradicado em Chapecó em 1976, ele traz ao município uma bagagem cultural praticamente inexistente na região, colaborando para a instauração do cenário artístico local. Em seu primeiro ano residindo no município, realiza uma exposição individual e posteriormente, na década de 80, funda juntamente com outros artistas locais o grupo CHAP.

Mesmo sem formação específica na área, o conhecimento no campo das artes levou Agostinho Duarte a exercer, entre outras atividades ligadas à cultura, o cargo de professor de pintura, desenho e História da Arte.

A obra de Duarte que foi selecionada para a exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes Visuais entre as décadas de 70 e 90” foi a pintura “sem título” (Figura 5) produzida no ano de 1978, que integra o acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó. Na pintura, percebemos uma evidente influência do movimento cubista pela maneira de representar o espaço em facetas que rompem com a perspectiva ilusória, evidenciando a planaridade do suporte bidimensional. O tema retratado, possivelmente uma vista interna que se abre por uma varanda para uma paisagem, traz, em primeiro plano, um vaso com flores que se funde com o fundo, proporcionando uma composição que toma o olhar como um todo. A cor, marca da obra do artista, é empregada com grande ênfase nos contrastes, pontuando diferentes áreas da tela a fim de promover um ritmo que decentraliza o sentido de leitura da obra.

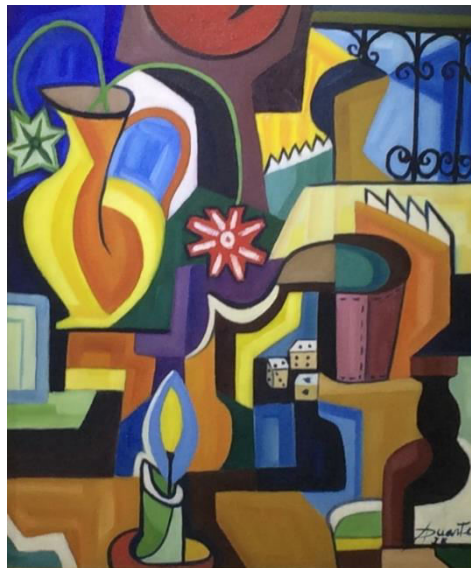


Figura 5: Agostinho Duarte, sem título, óleo sobre tela, 60 x 50 cm (1978). Foto Autoral (Ricardo Garlet).
Fonte: Museu de História e Arte de Chapecó/Acervo Prefeitura Municipal de Chapecó.

A artista Claudia Sander Bertaso foi de uma geração posterior a de Agostinho Duarte. Nascida em Chapecó no ano de 1969, Claudia buscou formação específica na área de artes, formando-se em Artes Plásticas na Universidade do Estado de Santa Catarina, campus Florianópolis, no ano de 1992. Retornando à Chapecó, realizou o curso de Especialização em Ensino da Arte na Universidade Comunitária da Região de Chapecó no ano de 2000. Em sua

trajetória, além da produção artística, pode ser destacada a sua atuação enquanto docente na Escola de Artes de Chapecó, onde leciona há mais de 25 anos no curso Laboratório de Artes Visuais (voltado à formação inicial).

O trabalho de Claudia Sander Bertaso, elencado para compor a exposição tema desse artigo, trata-se de uma obra “sem título”, realizada no ano de 1994, com as dimensões de 65,5 x 48 cm (Figura 6). Nessa produção visual, a artista explora as possibilidades da colagem, em uma composição que insere elementos reais em uma atmosfera de plasticidade. O interesse por tal trabalho para integrar a mostra decorre da potência da *assemblagem*, que é percebida a partir das investidas de artistas modernos, em especial Pablo Picasso (1881-1973), cuja concepção de algumas criações incluía a inserção de elementos reais, como jornais e palha, a fim de romper com o caráter ilusionista da pintura de herança renascentista, rompendo, assim, com a criação do efeito de ilusão de espaço no bidimensional, na medida em que afirmava a qualidade de anteparo do suporte da tela. Percebemos, no trabalho de Claudia Sander Bertaso, uma potência que repercute a ação de Picasso, trazendo uma composição estruturada por recortes de jornais publicados em Chapecó em meio a áreas de cores complementares (violeta e amarelo), em uma possível tentativa de harmonização visual.

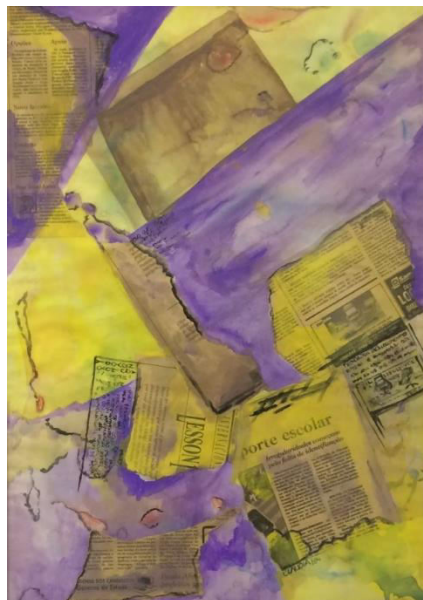


Figura 6: Claudia Sander Bertaso, sem título, colagem e aquarela, 65,5 x 48 cm (1994). Foto Autoral (Ricardo Garlet). Fonte: Acervo Museu de História e Arte de Chapecó/Prefeitura Municipal de Chapecó.

A artista visual Dalme Marie Grando Rauen, do mesmo modo que Claudia Sander Bertaso, também é chapecoense, todavia nascida em 1949. Dalme é contemporânea a Agostinho Duarte e Paulo de Siqueira, que também integram esse projeto expositivo, e foi

uma importante figura feminina dentro do círculo artístico chapecoense - dominado por homens - entre as décadas de 70 e 90. Durante a infância e adolescência, aproximou-se das artes através da dança e, posteriormente, quando realizava sua formação em direito na Universidade de Passo Fundo, passa a praticar o desenho artístico. Nos anos 1980, participa da fundação do grupo CHAP e dá seguimento aos estudos na área de direito, ingressando no Mestrado em Ciências Humanas, especialidade Direito, na Universidade Federal de Santa Catarina, atuando, a partir de 1988, como docente no Curso de direito na Universidade do Oeste de Santa Catarina (atual Unochapecó).

Nos campos das artes visuais, sua produção pairava entre diversos estilos. Suas temáticas abordavam tanto assuntos do cotidiano, como a figura humana, animais e paisagens, como temas sociológicos, identificados nas diferenças sociais, raciais e políticas. Falece em 1996, aos 47 anos, devido a um câncer no intestino, deixando sua obra como legado. Em 2002, a Prefeitura municipal de Chapecó homenageia a artista com a inauguração da primeira Galeria Municipal de Arte da cidade, anexa à Praça Coronel Bertaso, espaço que abriga um memorial da artista.

Das diversas obras de Rauen que integram o acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó, entre pinturas, desenhos e esculturas, foram selecionados dois desenhos (Figura 7), em nanquim e aquarela, para integrar a exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes Visuais entre as décadas de 70 e 90”. As duas criações sem título foram concebidas no ano de 1985 e possuem as dimensões de 45 x 35 cm cada. Nesses desenhos, percebemos que a expressividade do traço da artista, a força vital e criativa de Rauen está transfigurada no traço, nas linhas que delineiam as figuras representadas em tais obras. Contrapondo-se à dureza das linhas negras que estruturam a composição, algumas áreas receberam um delicado colorido em tons de amarelo, vermelho/rosa e azul, trazendo, desse modo, uma visualidade fundada na experiência da cor pela cor. Essa visualidade antinaturalista, podendo ser percebida como descendente de vanguardas como o Fauvismo ou expressionismo, traz a subjetividade das qualidades próprias da linguagem visual como um meio de comunicar uma mensagem, rompendo com a representação ilusionista da tradição renascentista.



Figura 7: (obra à esquerda) Dalme Marie Grando Rauen, sem título, desenho, 45 x 35 cm (1985). (obra à direita) Dalme Marie Grando Rauen, sem título, desenho, 45 x 35 cm (1985). Foto Autoral (Ricardo Garlet). Fonte: Acervo Memorial Dalme Marie Grando Rauen/Prefeitura Municipal de Chapecó.

Diferentemente de Dalme Marie Grando Rauen, que é natural de Chapecó, a artista visual Elisa Iop nasceu em Carazinho/RS, no ano de 1965, construindo parte de sua trajetória artística no território chapecoense. Com formação específica em arte, Elisa Iop formou-se no curso de Bacharel em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria no ano de 1999. Posteriormente, fez mestrado na área da educação e doutorado na área da cultura. Interessada pela linguagem da gravura, Iop participou de cursos de xilogravura, gravura em metal e litogravura no atelier livre de Poro Alegre entre os anos de 1987 e 1988. Desde 2010, atua como professora de Artes no IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Campus Sertão e reside na cidade de Erechim. Em suas obras, explorou diferentes técnicas e temáticas. Contudo, suas produções artísticas exploram temas relacionados à identidade, à memória e ao gênero.

Dentre as obras de Elisa Iop pertencentes ao acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó, destacamos a gravura em metal intitulada Esperança (Figura 8) como um trabalho significativo do acervo municipal para integrar o projeto da exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90”. A obra foi realizada por Iop, no ano de 1989, e possui as dimensões de 33,8 x 24 cm. Nesse trabalho, fica notório o uso expressivo da linha e a influência do Expressionismo como visualidade. As duas figuras representadas com linhas negras, firmes e ágeis, sugerem uma leitura emocional para a imagem, como se as personagens traduzissem uma visão dramática do mundo pelo olhar da artista ou narrassem uma nebulosa memória afetiva pessoal.



Figura 8: Elisa Iop, Esperança, gravura em metal, 33,8 x 24 cm (1989). Foto Autoral (Ricardo Garlet). Fonte: Acervo Museu de História e Arte de Chapecó/Prefeitura Municipal de Chapecó.

Do mesmo modo que Elisa Iop, a artista visual Mariel Moro buscou formação específica no campo das artes. Natural de Chapecó e nascida em 1973, cursou bacharel em Desenho e Plástica na Universidade Federal de Santa Maria. Posteriormente, especializou-se no curso Arte-Educação na Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus Chapecó. Em sua poética, explorou, principalmente, a linguagem do desenho, enfatizando o grafismo e a investigação de temas que tratam das relações humanas, dos sujeitos com o mundo, e de autorreflexão.

A obra de Mariel Moro, selecionada para compor a exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90”, foi a serigrafia “sem título” (Figura 9), nas dimensões de 52,6 x 40,6 cm, a qual foi produzida no ano de 1993. O trabalho traz uma figura humana, provavelmente uma mulher, dramaticamente representada com linhas impregnadas de gestualidade e expressão. A personagem chora. O uso dos recursos gráficos da linguagem visual reflete na interpretação do tema explorado pela artista, estabelecendo relações com as experiências vivenciadas, observadas e imaginadas.



Figura 9: Mariel Moro, sem título, serigrafia, 52,6 x 40,6 cm. (1993). Foto Autoral (Ricardo Garlet).
Fonte: Acervo Museu de História e Arte de Chapecó/Prefeitura Municipal de Chapecó.

Ao contrário da trajetória de Mariel Moro, que buscou qualificação formal em arte, Paulo de Siqueira foi um artista autodidata. Nascido em Soledade, no ano de 1949, foi registrado como Paulo Batista de Siqueira. Realizou sua primeira exposição aos 16 anos na cidade de Passo Fundo. Buscava nos livros métodos e técnicas para aperfeiçoar sua arte, uma vez que os cursos artísticos eram escassos na sua região. Em 1972, Siqueira transfere residência para Chapecó, cidade em que foi um dos protagonistas do desenvolvimento cultural. Aliás, ele foi um dos fundadores do grupo CHAP. Produzindo, principalmente, esculturas, utilizou materiais como madeira, ferro, metal e, especialmente, sucatas. Em suas pinturas, explorou traços expressionistas e surrealistas, sendo recorrentes temas literários, religiosos e mitológicos. Na década de 1990, o artista descobriu que era portador do vírus HIV, vindo a falecer em 1996.

Foram selecionados e elencados, de sua produção mais marcante, três trabalhos escultóricos do artista Paulo de Siqueira para integrar a exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90”, os quais foram produzidos na década de 1980 (Figuras 10, 11 e 12). Concebidos em sucata de metal, essas obras possuem em comum a não figuração e o discurso fundamentado nas questões particulares da escultura moderna, explorando-se, assim, a plasticidade das qualidades dos materiais que às constituem. O peso e a leveza dos volumes revelam a materialidade do metal usado em conjunto com a solda, como

procedimento técnico, abrindo mão da figuração de um discurso ancorado nas questões elementares da investigação com volumes.



Figura 10: (imagem à esquerda) Paulo de Siqueira, sem título, escultura, 79 x 32 x 30 cm (1985). Foto Autoral (Ricardo Garlet). Fonte: Acervo Memorial Paulo de Siqueira/Prefeitura Municipal de Chapecó.

Figura 11: (imagem central) Paulo de Siqueira, sem título, escultura, 96 x 67 x 19 cm (década 80). Foto Autoral (Ricardo Garlet). Fonte: Acervo Memorial Paulo de Siqueira/Prefeitura Municipal de Chapecó.

Figura 12: (imagem à direita) Paulo de Siqueira, sem título, escultura, 76 x 49 x 54 cm (década 80). Foto Autoral (Ricardo Garlet). Fonte: Acervo Memorial Paulo de Siqueira/Prefeitura Municipal de Chapecó.

A curadoria das obras e artistas apresentados na exposição não pretendeu esgotar o tema, tampouco almejava expor a totalidade de artistas que atuaram no período entre as décadas de 1970 e 1990 no município de Chapecó. A intenção foi de destacar obras representativas dentro do recorte temporal previamente definido, dando visibilidade para a produção local e, pontualmente, para as obras do acervo da Prefeitura Municipal de Chapecó. Nesse sentido, buscamos constituir um *corpus* de obras artísticas que permitisse tecer uma leitura crítica da história da arte local, percebendo as relações desses trabalhos com outros períodos da Arte ocidental, defendendo o argumento da existência de um Modernismo tardio em Chapecó.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo buscou problematizar o projeto de curadoria da exposição “Modernismo tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90”, oportunizando o aprofundamento dos estudos acerca da história da arte em Chapecó. Foram

evidenciadas obras e trajetórias artísticas significativas para a cultura local e documentadas as ações da Secretaria de Cultura de Chapecó. Sem a pretensão de esgotar o tema, seu objetivo foi apenas propor uma abordagem dessa produção, trazendo a lume obras que contemplassem a diversidade estilística percebida.

A exposição explorou a possibilidade de adaptação do conceito de Modernismo. O termo foi compreendido na sua relação com a produção plástica em outros momentos da história da Arte, tais como no contexto europeu e no contexto brasileiro, ponderando a representatividade de tais obras e inserindo as produções realizadas no município de Chapecó nas discussões hegemônicas da tradição das Artes Visuais. Os artistas destacados, antes de representar a totalidade, são uma amostra da produção, um indicativo de modalidades e temas, revelando sua pluralidade.

Muitos olhares podem ser lançados para a história da arte de Chapecó, tendo em vista a baixa quantidade de trabalhos que discutem e documentam tal produção. Contudo, a contribuição da exposição “Modernismo Tardio em Chapecó: Artes visuais entre as décadas de 70 e 90” indica o quão profícuo podem ser as investigações sobre a produção artística local.

Referências

ADES, Dawn. O modernismo e a busca de raízes. In: ADES, Dawn. **Arte na América Latina: a era moderna, 1820-1980**. Tradução: Maria Thereza de Rezende Costa. Cosac & Naify Edições: São Paulo, 1997. p.125-150.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. Tradução: Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FER, Briony. Introdução. In: FRANSCINA, Francis [et alii]. **Modernidade e Modernismo: A pintura francesa no século XIX**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. Cosac & Naify Edições: São Paulo, 1998. p.3-49.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um “desejo de cidade”, um “desejo de modernidade”** (Chapecó, 1931-1945). Florianópolis, 2008. 173f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

RIZZO, Paulo Marcos Borges. **Do urbanismo ao planejamento urbano: utopia e ideologia: caso de Florianópolis – 1950 a 1990**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis, 1993. 119p.

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Monica. **“O Oeste Catarinense não pode parar aqui”**. **Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969)**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338-374. maio/ago. 2017.